

*O Homem Livre: um
jornal a serviço da
liberdade (1933-1934)*



**O HOMEM LIVRE: UM JORNAL A SERVIÇO DA LIBERDADE
(1933-1934)**

RESUMO

Narrativa sobre a história do antifascismo no Brasil entre 1933 e 1934 e a importância, neste processo, da criação de um jornal de combate antifascista, *O Homem Livre*.

PALAVRAS-CHAVE

Frente Única Antifascista; Imprensa; *O Homem Livre*

FASCISMO E ANTIFASCISMO NOS ANOS 1930

No início dos anos 1930, mais precisamente entre 1933 e 1934, circulou na cidade de São Paulo um jornal criado especialmente para combater o fascismo, *O Homem Livre*. Embora tenha tido uma breve existência, contribuiu para articular o movimento antifascista na capital paulista.

No primeiro semestre de 1933 ocorre a radicalização política entre as esquerdas e a extrema direita. Já no término do primeiro bimestre chegavam da Alemanha notícias que confirmavam as piores previsões dos antifascistas de primeira hora, sobretudo dos simpatizantes brasileiros de Leon Trotsky: os fascistas alemães, autodenominados nacional-socialistas, chegavam ao poder e iniciavam violenta e devastadora repressão ao movimento operário e às esquerdas alemãs. Os fascistas brasileiros já tinham, desde outubro do ano anterior, uma organização própria, a Ação Integralista Brasileira (AIB), quando o intelectual paulista Plínio Salgado unificou grupos fascistas de vários pontos do país. Nessa conjuntura, na qual está contida a fundação da AIB e a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, amplia-se o movimento antifascista brasileiro. Até então o antifascismo no Brasil era predominantemente um tema da comunidade italiana radicada na capital paulista, desde o início dos anos 1920.

Os anos entre 1933 e 1935, portanto, abarcam o período em que as esquerdas brasileiras passaram a se interessar

¹ Professor Adjunto no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. <rfdcastro@uol.com.br>

² Este artigo baseia-se em um capítulo de minha tese de doutorado: CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. 1999. 346 p. Tese (Doutorado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

politicamente pelo antifascismo e criaram organizações que disputaram entre si a hegemonia política e organizacional na luta antifascista.³ Assim, o biênio 1933-1934 é o ponto de inflexão do fascismo e do antifascismo no Brasil. Tanto um como o outro adquiriam nova dimensão organizacional e a relação entre eles tornou-se progressivamente conflituosa. O auge desse confronto ocorreu entre outubro de 1934 e o primeiro semestre de 1935.

Já nos primeiros meses de 1933, o PCB, a trotskista Liga Comunista⁴ e até mesmo os anarquistas atuaram politicamente no sentido de criar formas de ação política contra o fascismo.

Em janeiro, a Liga Comunista decidiu-se pela formação de uma frente única antifascista em São Paulo. A partir de fevereiro o PCB e a Liga Comunista participaram de reuniões e conferências em São Paulo, nos quais se discutia a criação de uma organização inspirada no Congresso Antiguerrero Internacional, o Comitê Antiguerrero que entra em funcionamento em março.⁵ Como ainda neste período os trotskistas⁶ consideravam-se membros

³ Para maiores detalhes sobre o antifascismo deste período no Brasil ver BERTONHA, J. F. *O antifascismo socialista italiano em São Paulo nos anos 20 e 30*. 1993. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993; BERTONHA, J. F. *Sob o signo do fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil (1922-1943)*. Tese (Doutorado em História)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998 [publicada como *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo 1919-1945*, São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999; CASTRO, 1999, loc. cit. e CASTRO, R. F. de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 354-388, set. 2002.

⁴ Para maiores detalhes sobre a Liga Comunista ver CASTRO, R. F. de. *A Oposição de Esquerda brasileira (1928-1934): teoria e práxis*. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

⁵ O Comitê Antiguerrero utilizou-se de vários nomes ao longo de sua existência, o que causou certa confusão na historiografia. Entre eles podemos citar: Comitê Nacional Contra a Guerra e Comitê de Luta Contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo.

⁶ Neste artigo, trotskistas são aqueles que aderiram à liderança político-teórica de Leon Trotsky contra a política então hegemônica na Internacional Comunista. Na época, este termo era utilizado pelos militantes do PCB para denunciar o fracionismo dos autodenominados *oposicionistas de esquerda* que recusavam-no vigorosamente. Apesar do anacronismo, utilizamos o termo para facilitar a narrativa.

(ainda que expulsos) do PCB eles agiam para que o PCB criasse o Comitê segundo suas orientações particulares. Isso explica porque os trotskistas tiveram importante participação na sua fundação, bem como durante o ano de 1933.

Em 23 de março, os integralistas, liderados por Plínio Salgado, marcharam pela primeira vez na cidade de São Paulo colocando-os de vez na agenda política da capital paulista. Os antifascistas aceleraram suas ações.

No dia 11 de junho, durante cerimônia lembrando o assassinato do deputado socialista italiano Giacomo Matteotti⁷ o trotskista Aristides Lobo⁸ propôs a formação de uma frente única antifascista. A escolha da data não foi gratuita. Certamente foi uma forma de homenagear os antifascistas italianos que, como vimos acima, travaram o primeiro combate contra o fascismo em terras brasileiras e conferir uma certa legitimidade histórica e política à nova organização. Ademais, buscava-se chamar a atenção para o aspecto internacional do fascismo e a inspiração do integralismo no regime fascista italiano. Igualmente, um dos principais patrocinadores da idéia no interior da Liga Comunista foi o trotskista italiano Goffredo Rosini.⁹ Finalmente, procurava-se dessa maneira conseguir o apoio da parcela da população paulista, a de origem italiana, que há muito vinha sendo alvo da propaganda antifascista; e, assim, criar uma base a partir do qual o movimento antifascista poderia se ampliar para os outros grupos

⁷ Matteotti tornou-se um símbolo da luta antifascista na Itália e internacionalmente depois de ter sido seqüestrado e morto por um grupo armado semanas após pronunciar discurso no parlamento italiano contra fraudes eleitorais perpetradas pelo governo de Mussolini, Cf. PALLA, M. *A Itália fascista*. São Paulo: Ática, 1996. p. 38-39.

⁸ Essa informação confere com as informações contidas em seu prontuário policial. Segundo este, *constitui ele, dos elementos intelectuais atualmente em S. Paulo, o que maior atividade está desenvolvendo. Bateu-se fortemente pela constituição de um organismo de união das esquerdas revolucionárias, que ainda não pode tornar-se realidade por causa das rivalidades existentes entre os diversos grupos extremistas*. Fundo DOPS, Prontuário de Aristides Lobo, n. 37, v. 1, documento n. 59, Arquivo do Estado de São Paulo.

⁹ ABRAMO, F. 7 de outubro de 1934: 50 anos. *Cadernos CEMAP*. São Paulo, n. 1, p. 3-65, out. 1984. Quando na direção do jornal *La Difesa*, Francesco Frola convidou Rosini, em 1929, para participar do jornal, apesar deste não ter deixado artigos assinados, Cf. BERTONHA, 1993, p. 109. Ainda segundo BERTONHA ele era um dos poucos comunistas da colônia italiana paulista.

populacionais paulistas. Esse aspecto demonstra o importante papel da comunidade italiana na luta antifascista nos anos 1920 e 1930.

Enquanto isso, no dia 22 de junho, os anarquistas paulistas tentaram organizar um certo comitê antifascista, cuja reunião foi registrada por um agente policial secreto.¹⁰ Dois dias depois, em 25 de junho de 1933, domingo, foi fundada oficialmente a Frente Única Antifascista (FUA) no salão da Legião Cívica 5 de Julho. O intervalo entre as duas datas, três dias, mostra a intensa atuação de anarquistas e trotskistas na organização de instrumentos políticos para a luta antifascista.

A CRIAÇÃO DO JORNAL *O HOMEM LIVRE*

Neste ínterim foi criado aquele que seria o principal instrumento de contra-propaganda antifascista da esquerda paulista e o porta-voz da Frente Única Antifascista, o jornal *O Homem Livre*.¹¹ O ex-militante trotskista Fulvio Abramo afirma que a criação de *O Homem Livre* foi uma das principais decisões tomadas neste período pelo movimento antifascista.¹² O jornal foi concebido e criado por jornalistas do vespertino paulista *Diário da Noite*.¹³ Foram escolhidos o secretário de redação do *Correio da Tarde*, Geraldo Ferraz, como seu redator-chefe, pelo fato de não ser ligado a nenhuma organização política, o advogado José

¹⁰ Fundo DOPS, Prontuário n. 1.581, [Comitê Antifascista], documento n. 1, Arquivo do Estado de São Paulo.

¹¹ Esta tese é corroborada pela avaliação do militante Fúlvio Abramo, Cf. ABRAMO, op. cit., p. 3-65.

¹² ABRAMO, 1984, p. 15.

¹³ O jornal *Diário da Noite* pertencia a Assis Chateaubriand, que criou em dezembro de 1930 o *Diário da Tarde* a ser publicado nas mesmas oficinas do primeiro. Portanto, eram jornais que não apenas pertenciam ao mesmo proprietário, mas compartilhavam funcionários. O primeiro secretário de redação do *Diário da Noite* foi o jovem jornalista Geraldo Galvão Ferraz. Cf. FERRAZ, G. *Depois de tudo: memórias*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. p. 93. Este, por sua vez, casou-se posteriormente com a escritora e militante trotskista Patrícia Galvão, a Pagu.

Pérez¹⁴, como diretor-gerente, e Mário Pedrosa, como seu secretário.¹⁵

A primeira edição de *O Homem Livre* é datada de 27 de maio de 1933 e contou com artigos, assinados ou sob pseudônimos, de José Pérez, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobo, Goffredo Rosini, Geraldo Ferraz e Miguel Macedo e foi ilustrada pelo gravador Lívio Abramo.¹⁶

As vicissitudes da edição de *O Homem Livre* nos ajudam a perceber as atribulações da existência da FUA.

Nas cinco edições anteriores à fundação da FUA o jornal teve apenas 4 páginas, em tamanho *standard*, isto é, era formado apenas por uma folha de papel jornal. A quinta edição, a de 24 de junho, véspera da fundação da FUA, convocou os antifascistas para o evento do dia seguinte e anunciou que a partir da próxima edição, a sexta, '*O Homem Livre*' [...] *apresentará novo formato, maior número de páginas e seleção mais apurada de matéria*, passando ao formato tablóide. Assim, durante apenas duas edições, a sexta e a sétima, o jornal passa a ter dois cadernos, isto é, oito páginas. As edições subsequentes, até a décima terceira (2 set. 1933), terão seis páginas e, a partir da décima quarta (12 set. 1933), voltarão a ter apenas quatro páginas. Ademais, a partir da sexta edição o jornal deixou de sair apenas aos sábados.

A partir da décima primeira edição (14 ago. 1933) os problemas aumentaram. O advogado José Pérez deixou o cargo de diretor-gerente, o que certamente causou constrangimentos,

¹⁴ José Pérez assinou pelo menos um artigo, As Explorações Anti-Semitas Sobre os Protocolos dos Sábios de Sião. Pérez foi "esquecido" pela memorialística trotskista de Abramo (Cf. ABRAMO, 1984). Isso não deve nos estranhar pois o trabalho de reconstrução da memória de uma época pressupõe também esquecimentos conscientes e ou inconscientes.

¹⁵ Em seu relato sobre a FUA, Fúlvio Abramo não cita o nome de Pedrosa, mas afirma que era ele próprio que realizava as funções de secretário de *O Homem Livre*, isto é, conseguir anunciantes, providenciar a produção do jornal, contatar pontos de venda etc., Cf. ABRAMO, 1984, p. 16, também Cf. FERRAZ, 1983, p. 105-106.

¹⁶ A coleção completa de *O Homem Livre* pode ser consultada no Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa (CEMAP), cujo acervo está sob custódia do CEDEM/UNESP, São Paulo [Praça da Sé, 108, 1º andar], além de cópias microfilmadas disponíveis na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

pois nesta edição foi publicado na terceira página um anúncio do fato. É interessante notar que com a saída do seu gerente o jornal mudou de endereço.¹⁷ Não conseguimos definir a relação exata entre sua saída e os problemas que o jornal teve posteriormente.¹⁸

Por outro lado, o crescimento momentâneo de *O Homem Livre* seguido, logo depois, do início de seus problemas financeiros, está certamente relacionado ao papel do PSB paulista nesta frente.¹⁹

O PSB paulista participou decisivamente dos trabalhos preparatórios de organização da FUA. O exilado italiano Francesco Frola, um dos dirigentes do partido, foi um dos oradores do evento público em memória do militante antifascista italiano Giacomo Matteotti, que ocorreu em 11 de junho e durante o qual foi proposta, e aceita, a formação da Frente Unica Antifascista. Além disso, Frola presidiu o evento público no qual foi fundada a FUA e o partido também publicou na primeira edição de seu jornal *O Socialista*, notícia de capa sobre a fundação da FUA, bem como o seu manifesto inaugural.

A conjuntura do início dos problemas financeiros do jornal e a inatividade pela qual passa a FUA após o comício de 14 de julho, e que irá até meados de setembro²⁰, coincide com o fim da interventoria do patrono do PSB paulista, o general Waldomiro Lima, ocorrido em 27 do mês.²¹

Apesar de neste mês o PSB paulista ter conseguido publicar a primeira edição de seu jornal *O Socialista* que, em seu primeiro número de 16 de julho, convocava um congresso partidário para o dia 22, ou seja, seis dias depois, o partido estava prestes a sofrer uma profunda transformação que repercutirá na sua participação

¹⁷ O jornal teve sua primeira redação na Rua São Bento, 58, 2º andar, mesmo local em que funcionava uma banca de advocacia; posteriormente, mudou-se para a Rua do Carmo, 11, 1º andar. O primeiro endereço localizava-se no Centro e o segundo na Sé, bairros do núcleo principal da metrópole paulista. Portanto, estavam muito bem localizados.

¹⁸ Grifo nosso.

¹⁹ A seção paulista do Partido Socialista Brasileiro (PSB de São Paulo) foi fundada na capital paulista em fevereiro de 1933, durante a interventoria de Waldomiro Lima que o patrocinou. Em janeiro de 1934 realizou um congresso que inaugurou uma nova fase, agora sem o apoio do interventor e com um perfil claramente marxista. Cf. CASTRO, 1999, passim.

²⁰ ABRAMO, 1984, p. 20-21.

²¹ CARONE, E. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991. p. 98.

na FUA, na saúde financeira de *O Homem Livre* e no período de inatividade pela qual passou a FUA até setembro.²² O congresso partidário não se realizou na data marcada, muito provavelmente porque a situação do PSB paulista estava se deteriorando pela iminência da saída de Waldomiro Lima da interventoria, ocorrida cinco dias depois.

Na edição de 2 de setembro de 1933 (n. 13) o jornal menciona seus problemas de periodicidade e conclama seus leitores e simpatizantes a fazer uma lista de subscrição para a arrecadação de fundos.

Mesmo com todos os problemas financeiros o jornal da FUA tinha qualidades técnicas e editoriais. Sua diagramação era profissional, publicava charges oriundas de jornais estrangeiros, era ilustrado com gravuras do artista plástico Lívio Abramo²³, utilizava-se dos serviços de agências de notícias internacionais, tinha seções fixas sobre artes plásticas, cinema, economia, cultura, ciências, etc. Essa qualidade do jornal deve-se ao fato dele ser produzido por jornalistas e gráficos profissionais, muitos dos quais ligados ao jornal *Diário da Noite*.

O Homem Livre teve sua primeira sede na Rua São Bento, 58, 2. andar, no escritório dos advogados Bruno Barbosa e Silveira Melo, que também emprestavam seu telefone de trabalho e anunciavam seus serviços profissionais no jornal.

A primeira edição de *O Homem Livre* é datada do dia 27 de maio de 1933. Nessa edição o editorial *Contra o Fascismo* já anuncia claramente quais eram os objetivos do jornal. É sintomático que já no primeiro número o jornal se preocupe em defender a idéia de que o principal inimigo a ser combatido naquele momento era o fascismo. Isso demonstra que não havia consenso entre as esquerdas. Não devemos nos esquecer de que o PCB considerava que fascismo era um sintoma da gravidade da crise capitalista mundial e que esta estaria gestando uma guerra imperialista contra a União Soviética. Mais do que lutar contra o fascismo e contra a guerra, os comunistas da Internacional Comunista (IC) deveriam se esforçar para que essa guerra

²² DEL ROIO, M. T. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB, 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Letras, 1990. p. 239.

²³ Lívio Abramo se tornaria um dos mais respeitados gravuristas brasileiros do século XX.

imperialista se transformasse numa guerra civil revolucionária. Portanto, o jornal *O Homem Livre* que era hegemônico pelos trotskistas da Liga Comunista que conheciam muito bem o PCB e sua importância para a luta antifascista, se preocupou, desde o início, a travar um combate propagandístico contra o fascismo em geral e os integralistas em particular, mas também e, não menos importante, combater a posição da Internacional Comunista e do PCB de não se preocupar em lutar diretamente contra os fascistas.

Analisemos então o primeiro editorial de *O Homem Livre*. Em primeiro lugar, o editorial caracteriza historicamente o fascismo como reação à democracia e ao povo organizado:

*Para essa minoria a democracia faliu. Faliu porque já não lhe garante sem sobressaltos o poder ilimitado, os privilégios aristocráticos ameaçados pela crescente onda popular, cada vez mais consciente de seus interesses e de sua força. Por isso é que, justamente na época em que todas as premissas para o advento de uma forma mais alta de democracia se apresenta, a reação fascista faz a sua aparição sobre o mundo.*²⁴

Depois, afirma que, para realizar a sua “missão histórica”:

*[...] o fascismo tem antes de tudo de realizar a tarefa primordial de dividir a maioria dos oprimidos. E para isso realiza um trabalho de demagogia de proporções ainda não conhecidas na história. Demagogia [ilegível] pelo que contém de vasto e de contraditório, de inépcia e de ignorância audaciosa, de generalização vaga com o fito deliberado e criminoso de iludir as populações atormentadas pelas contradições econômicas.*²⁵

Logo depois observa que a base social do fascismo é composta das classes médias, dos funcionários, dos empregados e que, a partir dessa divisão inserida entre os oprimidos, passa a dirigir seus esforços na destruição das organizações das classes trabalhadoras, por meio da já citada demagogia. Portanto, a luta ideológica, de contrapropaganda, é vital para o antifascismo:

²⁴ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

²⁵ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

É preciso mostrar diante dos desprevenidos, dos ingênuos e dos 'hipnotizados', o vazão da sua propaganda demagógica; os crimes incríveis que se praticam na Alemanha contra a liberdade e contra a humanidade.²⁶

Ao longo do supracitado editorial é apresentada a orientação programática do periódico:

É contra o fascismo, cuja ideologia medieval hoje se apresenta com feições internacionalizantes, que é preciso lutar. [...] O programa de 'O Homem Livre' é lutar pelos ideais democráticos, contra o fascismo. Para a imensa maioria a democracia ainda não faliu. Contra os 'duce' e os 'führer' que logo vão se reclamar do direito divino lutam todos os que não querem ver de novo sobre a terra as fogueiras da inquisição, o predomínio de castas privilegiadas e a reescravização dos oprimidos.²⁷

Em uma palavra, o programa de 'O Homem Livre' é lutar pelos ideais democráticos, contra o fascismo. Essa defesa dos ideais democráticos (progressistas) em contraposição ao fascismo (reacionário) estará presente explícita ou implicitamente em todos os editoriais subsequentes.

A verdadeira campanha de desmistificação das virtudes do fascismo em todas as suas formas feita nas páginas de *O Homem Livre* tem no humor uma de suas principais armas de contrapropaganda. São publicadas várias charges originalmente editadas em jornais estrangeiros, como o *Daily Express* e *The Nation*. São editados ainda vários artigos que procuram analisar o lado satírico, quando não tragicômico, do fascismo e do integralismo, como neste trecho:

Dos camisas vermelhas de Garibaldi aos camisas azeitonas de Plínio Salgado, o camisismo está descendo degrau em degrau. Se continuarmos com esse ritmo, esgotar-se-á ao último degrau, quando não tendo mais o que descer, o fascismo terá que jogar fora camisa, cueca, bota, emblema, todo o seu arsenal

²⁶ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

²⁷ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

*de mistificação carnavalesco e mostrar-se-á nu, na sua verdadeira essência de monstro sanguinário [...].*²⁸

O *Homem Livre* utilizava-se de três recursos para desmistificar o papel do fascismo tanto na Alemanha como na Itália e dos seus congêneres brasileiros, os integralistas.

Em primeiro lugar, mostrar a falsidade do discurso fascista, ou seja, a incompatibilidade entre o que o fascismo prometia e o que ele efetivamente realizava, e os meios de que se utilizava para obter determinados resultados. No editorial *Contra o Fascismo*, acima analisado, já *O Homem Livre* afirma ser necessário:

*[...] desmascarar a lenda de uma Itália 'libertada' que, por obra do regime fascista, ocupe uma posição privilegiada no concerto das nações. Basta citar o número de desocupados na pátria de Mazzini — 1.300.000 segundo as estatísticas oficiais, mas na realidade um número muito superior — para desmascarar a propaganda ridícula. Onde as vantagens do regime fascista sobre o democrático? Os trens que chegam na hora certa e as crianças mandadas às praias para serem fotografadas são argumentos que não podem ser tomados a sério... A França, sem o fascismo, é o país que maior resistência vem oferecendo à presente crise econômica, apresentando um número reduzido de 'chomeurs'. É o melhor exemplo para desvendar toda a enormidade do 'bluff' da propaganda fascista.*²⁹

Em segundo lugar, o humor como forma de quebrar a “carapaça” simbólica criada pelos seus doutrinadores, que utilizam elementos que cultivam a autoridade, a hierarquia, a organização, a militarização e a infalibilidade do chefe. O humor é iconoclasta, e contra uma doutrina que cultivava uma verdadeira paranóia pelos símbolos — uniformes, insígnias, festas, etc. —, ele é devastador. *O Homem Livre* publicava charges e artigos que procuravam achincalhar com o fascismo, em geral, e com o integralismo, em particular. Como exemplo, podemos citar uma que zomba com a figura de Hitler: o personagem Carlito afirma, *Sempre me disseram que era impossível representar um papel sério com*

²⁸ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 4, 3 jun. 1933.

²⁹ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

um pequeno bigode como este.³⁰ Outra charge muito interessante mostra o projeto totalitário do fascismo através de um salsicheiro alemão que é punido por fazer salsichas com a forma da suástica.³¹

E, finalmente, a caracterização do fascismo como um movimento reacionário e obscurantista, de *ideologia medieval*, inimigo de todos os valores da democracia e da civilização ocidental, como a *liberdade* e a *humanidade*. O artigo de José Pérez, por exemplo, As Explorações Anti-Semitas Sobre os Protocolos dos Sábios de Sião procura demonstrar a natureza racista do fascismo alemão.³² Já outra notícia, Como no Tempo da Idade Média: um auto de fé em que foram queimados 20 mil livros pelos fascistas alemães, procura demonstrar o obscurantismo fascista.³³

É interessante notar que apesar da preocupação dos redatores e editores de *O Homem Livre* em desqualificar o fascismo e o *arremedo de fascismo no Brasil*, o integralismo, sempre procura fazê-lo recorrendo a argumentos “racionais” e político-ideológicos. Por outro lado, os anarquistas paulistas se valem de argumentos mais fluidos e denunciam o perigo fascista com um discurso que contém fragmentos de um *complô demoníaco*³⁴ como que reproduzindo, ao contrário, o discurso mitológico que os fascistas utilizavam para denunciar as conspirações semitas e comunistas para a dominação do mundo e a instauração de um *império das trevas*. Em dois panfletos de meados de 1933 eles se referem ao fascismo como *larva peçonhenta e abismosa* e *monstro exterminador do progresso humano surgido nas catacumbas romanas*.³⁵

Os anarquistas paulistas e seu supracitado Comitê Antifascista tinham uma abordagem política muito diferente

³⁰ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 10 junho 1933. Trabalho sem autor definido e publicado originalmente no *Daily Express*.

³¹ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 10 jun. 1933.

³² *O Homem Livre*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1933.

³³ *O Homem Livre*, São Paulo, p. 3, 27 maio 1933.

³⁴ Cf. GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁵ O primeiro documento intitula-se *Antifascistas, alerta!* e o segundo chama-se *Ao povo em geral. Aos antifascistas de todas as tendências*. Ambos os panfletos encontram-se no Fundo DOPS, Prontuário do Comitê Antifascista [organizado pelos anarquistas], n. 1.581, Arquivo do Estado de São Paulo.

daquela dos comunistas (trotskistas e pecebistas³⁶). Isso não impediu que eles tenham dado importante contribuição em vários momentos da luta antifascista em 1933 e 1934, a mais simbólica no confronto da Praça da Sé.

Concluindo, diríamos que *O Homem Livre*³⁷ foi o principal instrumento de ação política da FUA, pois ele se constituiu no seu principal veículo de divulgação bem como seu mais importante veiculador de propaganda antifascista. Além disso, *O Homem Livre* se constituiu numa das várias estruturas de sociabilidade³⁸ da intelectualidade antifascista paulista e carioca do triênio 1933-1935 na qual interagiram intelectuais antifascistas e progressistas (jornalistas, advogados, estudantes de direito, professores universitários, militantes políticos etc.) de várias tendências políticas (pecebistas, socialistas, trotskistas etc.).

³⁶ Pecebistas são os militantes do PCB que se mantêm fiéis a política da Internacional Comunista de então, diferentemente dos trotskistas que a criticavam; ambos, portanto, eram os dois grupos em que se dividiam os comunistas brasileiros.

³⁷ Foram publicadas 22 edições, sendo a última a de 24 de fevereiro de 1934. As edições tinham entre 4, 6 e 8 páginas dependendo das precárias condições financeiras do jornal. Nessa mesma época existia um jornal homônimo na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, dirigido por Hamilton Barata e que foi editado até pelo menos 1935.

³⁸ Concebemos as estruturas de sociabilidades como um grupo (ou grupamento) permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, ao qual se escolhe participar, Cf. SIRINELLI, J. F. Le hasard ou la nécessité?: une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième siècle-Revue d'histoire*, Paris, n. 9, p. 103, jan./mar. 1986.

**O HOMEM LIVRE: A NEWSPAPER ON BEHALF OF THE
FREEDOM (1933-1934)**

ABSTRACT

This article focus the history of antifascism in Brazil between 1933 and 1934 and the importance, to this history, of the foundation of a newspaper specially designed to combat the fascism, *O Homem Livre*.

KEYWORDS

Antifascist; United Front; Press; *O Homem Livre*



Lívio Xavier e Geraldo Ferraz, no centro de São Paulo, 1933.
(Fundo Lívio Xavier, Centro de Documentação e Memória/
UNESP, São Paulo.)